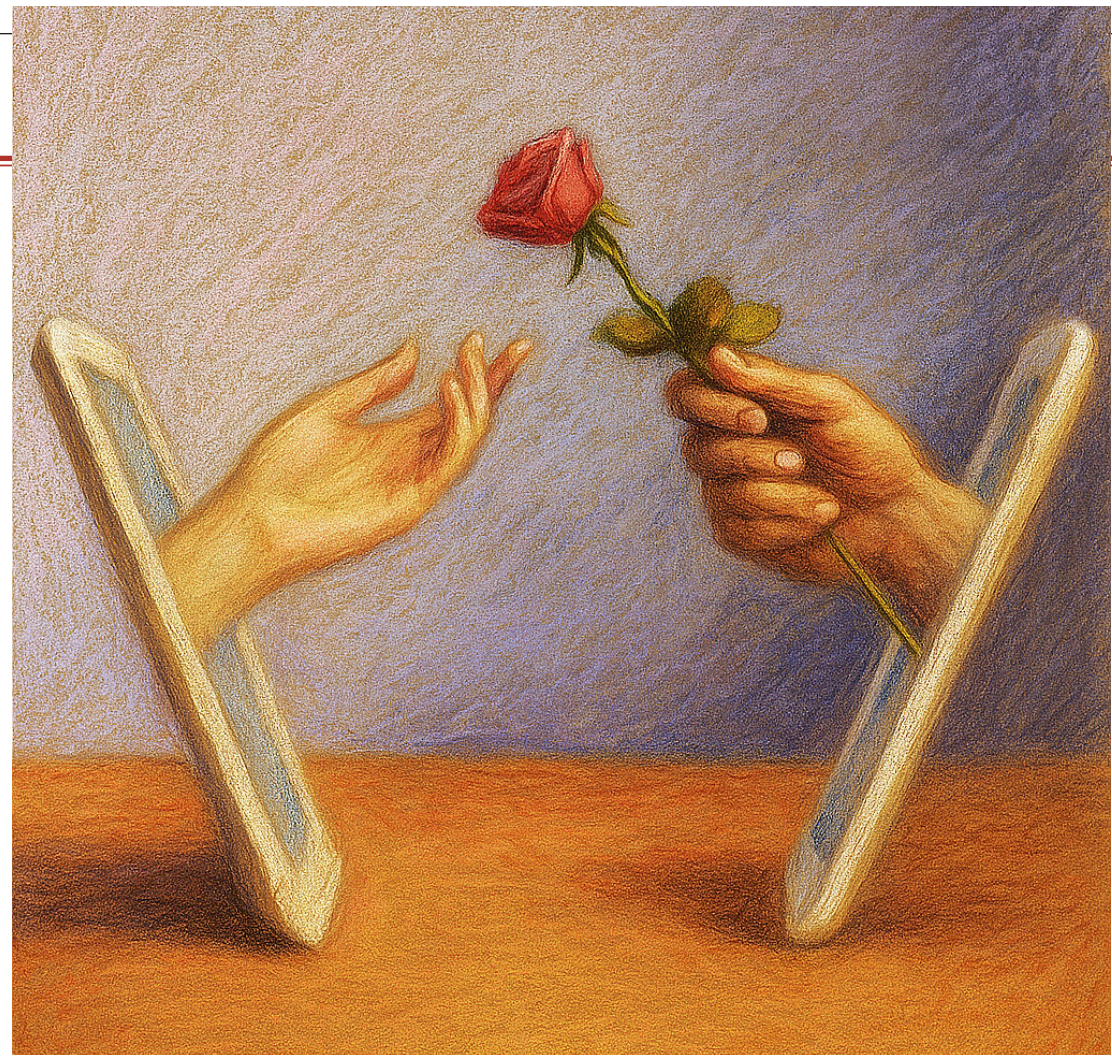
Ainda sabemos flertar?



O avanço dos encontros virtuais redefine o jogo da conquista: entre a praticidade das telas, a ansiedade no presencial e os riscos do ambiente digital, especialistas avaliam o impacto dos aplicativos no amor e no ego

POR JÚLIA SIRQUEIRA*

Antes, o flerte dependia de olhares demorados, sorrisos no bar ou bilhetes discretos. Hoje, a curtida em uma foto ou um emoji enviado por direct pode carregar a mesma intenção. O ritual milenar da conquista não desapareceu, mas mudou de palco — e agora desperta dúvidas: será que ainda sabemos flertar fora das telas?

Para a psicóloga clínica e neuropsicóloga Juliana Gebrim, o ambiente digital amplia possibilidades, mas também cria armadilhas emocionais. "Quando o flerte é mais virtual do que presencial, a imaginação ganha muito espaço. Isso pode ser positivo, gerando expectativa e curiosidade, mas também pode criar ilusões, já que, no on-line mostramos só o que queremos. Isso pode gerar frustração quando a interação vai para a vida real", explica.

A neuropsicóloga ressalta que relações que ficam restritas às telas podem até ser intensas, mas tendem a ser frágeis por falta de elementos como toque, olhar e convivência física.

Validação, ego e busca por conexão

A também psicóloga clínica Renata Santana, professora da UECE, lembra que o flerte on-line pode funcionar como porta para novas conexões, mas alerta que, muitas vezes, é usado apenas como combustível para a vaidade: "Há quem busque conexão genuína, mas muitos utilizam o flerte virtual como validação para se sentir desejado e reconhecido". O risco é que esse hábito se torne compulsivo, fazendo com que a pessoa colecione contatos e conversas, mas nunca avance para uma relação consistente.

Dados recentes da empresa Sensor Tower apontam que os usuários ativos mensais do Tinder no Brasil caíram cerca 8% no terceiro trimestre de 2024 — números acumulados até o início de setembro — examinando a comparação anual; já no Bumble, subiram 24% no mesmo período, mas sob uma base de usuários 10 vezes menor.

Os downloads do Tinder caíram de 7 milhões para 4 milhões entre 2022 e 2024, queda de 42%; no mesmo intervalo, o Bumble chegou a 4 milhões em 2023, mas voltou aos 2 milhões neste ano. Porém com o Grindr, as ações aumentaram em 56% em 2024, uma disparada valorização comparada aos concorrentes. Mostrando a diversidade da procura em diferentes públicos.

Estilos de flerte diferentes

Renata Santana também observa diferenças claras na forma como gerações distintas lidam com a paquera virtual. "A forma de comunicação entre as pessoas mais jovens e as mais velhas é diferente, bem como a maneira de flertar. Mas a necessidade de envolvimento afetivo faz parte de qualquer geração", explica.

A psicóloga lembra que os mais jovens já desenvolveram até um vocabulário próprio para nomear situações comuns, e muitas vezes problemáticas, que surgem nos aplicativos. Para ela, os jovens, por estarem mais conectados, tendem a reconhecer melhor esses padrões. Já os mais velhos, muitas vezes, ainda não têm familiaridade com esses termos, o que os torna mais vulneráveis.

A experiência da geração millenium

Entre jovens adultos, o uso dos apps se mistura à rotina. Renato Monteiro* (nome fictício), cineasta de 26 anos, relata que prefere o contato presencial, mas reconhece a praticidade do digital. "Presencial é muito mais fácil para mim, mas não dá para negar que o on-line é prático, principalmente pela rotina. Deixo sempre o Tinder instalado. Para cada 10 matches, um ou dois viram encontro. Muitas vezes fica só no papo, que cansa rápido."

Ele conta que já participou até de um "double date" organizado pelo aplicativo, mas nunca manteve um relacionamento sério por lá. "No fundo, eu sempre preferi trocar ideia cara a cara. O on-line, para mim, é mais um complemento."